

Ricos, pobres e avarentos.

MIGUEL JORGE

Um dos fatores que mais pesará no futuro da indústria nacional e, especialmente, no futuro da indústria automobilística é o volume de demanda que, basicamente, é função de preço e de renda do consumidor.

Mas, por acaso, a renda nacional, que definirá a renda do consumidor, está sendo distribuída de forma razoável ou ela estará tendo razoável nível de crescimento?

Segundo o Relatório Anual de Desenvolvimento Humano 1994, recém-divulgado pela ONU, as respostas são negativas: com grande mercado interno por desenvolver e explorar, o Brasil tem a segunda pior distribuição de renda do mundo, só superando Botswana, na África (!!).

Até hoje, menos de 1% da população teve acesso ao carro novo, embora o País possa dobrar esse número em dois anos, o que, mesmo assim, é quase nada. E, se muitos novos consumidores compraram carros novos nos últimos dois anos, isso não se deveu à renda, mas sim ao preço — um Gol, por exemplo, que custava cerca de US\$ 13.000 em fevereiro de 1992 custa hoje US\$ 7.250, numa redução de 45% em termos reais, **o que nunca ocorreu na indústria automobilística em nenhum lugar do mundo.**

Um dos problemas que o Brasil precisa resolver é o de que apenas 20% dos brasileiros mais ricos têm renda 32 vezes maior que os 20% mais pobres, enquanto os desempregados já somam 20 milhões de pessoas. Dados recentes do IBGE, que indicam a precariedade do mercado de trabalho, revelam que quase 50% de todo o dinheiro do mercado vai para apenas 10% dos trabalhadores. Por sua vez, a abertura da economia gerou um corte de 30% no emprego industrial, que não foi



**O BRASIL PRECISA TER PRESSA DE
CRESCER, DE SE REORGANIZAR, DE
CRIAR RIQUEZAS E, MAIS QUE TUDO,
DE DISTRIBUIR SUA RIQUEZA.**

reposto.

Na verdade, esses números representam um alerta para que a Nação se esforce para resolver uma situação que pode trazer custos sociais ainda maiores. Exemplo: a ONU aponta o Nordeste como área de considerável potencial para surgirem sérios conflitos. Seus habitantes vivem 17 anos menos que os do Sul/Sudeste, os índices de alfabetização são 33 vezes menores e os salários são 40% inferiores aos daquelas regiões. Considerando só o Sul/Sudeste, o estudo da ONU colocaria o Brasil em 42º lugar na lista de desenvolvimento humano, cujos indicadores são poder de compra, perspectiva de vida e educação.

Entre 173 países, porém, o Brasil aparece em 63º lugar, como país “médio”, entre “pequenos”, “médios” e “grandes”. A posição é melhor que em 1993, quando era o 70º, mas a distribuição da renda nacional piorou sensivelmente. Ano passado, os 20% mais ricos ti-

nam renda 26 vezes maior que os 20% dos brasileiros mais pobres, contra 32 vezes este ano.

A primeira lição do estudo da ONU: a reversão deste quadro custará o preço que a Nação estiver disposta a pagar, isto é, toda a cidadania é responsável pela situação e, sem um enorme esforço coletivo, seremos todos coniventes com o atraso.

Para quem avaliar bem o relatório, seu grande mérito é mostrar que o Brasil vive um processo histórico, que devemos ter consciência de que ele existe, que a Nação precisa compreendê-lo e que só a partir daí terá capacidade de controlá-lo. A ONU considera que o País reflete hoje, a nível mundial, o fenômeno do grande hiato que ainda o separa dos países do Primeiro Mundo. Surpreendentemente, Barbados, mais conhecido como manso paraíso do Caribe, lidera o grupo dos países “em desenvolvimento”. Assim, o aparcimento de países como Bar-

bados e a Jamaica na lista da ONU encerra algumas lições, sendo a principal a de que a concentração de riquezas já não divide o mundo entre um punhado de capitalistas e um bando de proletários.

Com os blocos econômicos regionais, o comércio internacional registra forte expansão e derruba fronteiras físicas, jogando no lixo velhas teorias sobre o desenvolvimento do capitalismo dentro das comunidades regionais. Países que ousaram dar prioridade a atividades básicas, a enxugar estruturas e a cortar despesas elevaram suas rendas nacionais e melhoraram sua distribuição.

Muitos deles, como Taiwan, 13ª nação do mundo em intercâmbio comercial, alcançaram esses objetivos mesmo dependendo da importação de petróleo e alimentos. O México fez o mesmo abrindo-se mais ao capital estrangeiro e seu PIB per capita chega hoje aos US\$ 3.500.

Por isso mesmo, o Brasil não pode perder mais tempo nem deixar para depois o que deveria ter feito anteontem. O péssimo exemplo do vexame da revisão constitucional que não se realizou precisa ficar apenas como um péssimo exemplo a ser evitado a qualquer custo.

O Brasil precisa ter pressa de crescer, de se reorganizar, de criar riqueza, e, mais que tudo, de distribuir sua riqueza. Sob pena, frente ao risco mais iminente, ano a ano, de milhões de brasileiros morrerem de fome, de sermos todos, sem exceção, culpados de um futuro certo de violência social.

O AUTOR

Miguel Jorge é vice-presidente de Assuntos Corporativos da Autolatina Brasil.

